

Nancy Pickard

DIAS DE CHUVA
E TEMPESTADE



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Com amor e apreço pelas bibliotecas grandes e pequenas

9 de junho de 2009

ATÉ OS 26 ANOS, Jody Linder desconfiava da felicidade. A jovem odiava esse estado de espírito que costumava estragar os momentos agradáveis, mas, afinal de contas, ela morava em Rose, no Kansas.

No ano anterior, um tornado tinha matado três pessoas a poucos quilômetros de sua cidade natal. Um tornado enquanto o sol brilhava no céu! No inverno havia tempestades de granizo e no verão, incêndios. Conhecidos decretavam falência, perdiam suas casas, fazendas e seus empregos. Ou morriam inesperadamente.

Uma pessoa podia pertencer a uma família honesta que levava uma vida pacata em uma pequena cidade no meio do nada e, em uma inocente noite de sábado, homens surgiam como tornados e transformavam os moradores honestos em protagonistas mortos de um livro de Truman Capote. Coisas desse tipo aconteciam, não era paranoia. Era um *fato* terrível que Jody conhecia melhor do que ninguém, ou, pelo menos, melhor do que qualquer pessoa que não teve o pai assassinado aos três anos e a mãe desaparecida na mesma noite.

Coisas desse tipo aconteciam e ela estava ali para mostrar. Portanto, com o passado a provar que o presente não era confiável, a felicidade deixava Jody Linder ansiosa. O sentido de proteção fazia com que ela inspecionasse os cantos, levantasse as tampas das lixeiras e abrisse as cortinas do chuveiro com medo de que pudesse haver alguém escondido. Afinal, podia acontecer de um assassino estar escondido em um canto, insetos ficarem à espreita nas lixeiras e aranhas pularem das banheiras.

A felicidade era frágil, preciosa e suspeita. *Depois da ascensão vem a queda*, ela acreditava, o que explicava suas palpitações enquanto estava nua na cama com Red Bosch no meio de uma linda tarde do Kansas. O ar tinha um cheiro bom para um dia quente e a luz penetrando pelas cortinas de ilhoses parecia suave para o horário. Um presságio ainda pior era o fato de o sexo com aquele homem que ela não amava ter sido bom a ponto de ele merecer algum tipo de confiança após os momentos de satisfação de ambos. Ela permanecera de olhos abertos, pois tinha visto o sorriso malicioso de Red, satisfeito consigo mesmo.

Não se vanglorie, Jody quase deixou escapar, mas pensou que, primeiro, não era gentil da parte dela e ele não merecia aquelas palavras e, segundo, não havia *motivo* para Red não se vangloriar. Ele sabia montar a cavalo, arrebanhar gado, colher feno e fazer aquilo. Ela não conseguia imaginar melhores talentos em um homem.

– Garota bonita – murmurou Red, passando um dedo preguiçoso pelo peito.
– Garota suada – rebateu Jody, retirando a mão dele e colocando-a de volta sobre sua barriga úmida.

Ele riu, com um rugido de autossatisfação que vinha do fundo do peito. Uma brisa quente com cheiro de pólen entrou pela janela aberta. Ela sentiu um perfume de madressilvas, que ainda estavam fora de época, e de lilases, que haviam florescido e murchado. Aquilo era impossível, fruto de sua imaginação, típica ilusão que o menor sentimento de alegria provocava.

O casal estava deitado de costas, como filhotes bem alimentados que tiveram suas barrigas acariciadas por meia hora. A poucos centímetros de Red, para que seus corpos não se tocassem nem ficassem pegajosos, Jody suspirou de prazer. Imediatamente quis inspirar o ar de volta para seus pulmões, porque ninguém no universo poderia saber daquilo.

Depois da ascensão vem a queda...

O barulho de um carro entrando na sua rua fez com que ela se virasse para a janela, pronta para uma surpresa desagradável.

– Você ouviu isso, Red?

– O quê?

– Shh!

O barulho de um motor foi seguido pelo de um segundo, acompanhado por um terceiro, o que multiplicou exponencialmente seu estado de alerta. Ela apoiou os cotovelos na cama e levantou a cabeça para ouvir melhor. Aquele movimento talvez passasse despercebido em um lugar como Kansas City, 550 quilômetros ao leste, ou em Denver, 400 quilômetros ao oeste. Mas aquela era uma das ruas mais silenciosas de uma cidade tão pequena a ponto de Jody ouvir os vizinhos darem a partida nos carros em suas garagens do outro lado da rua e saber se estavam atrasados para o trabalho.

– Alguém estacionou lá fora.

– Quem?

Ela lançou um olhar de reprovação para ele.

Às vezes Jody se perguntava se Red não tinha um parafuso a menos.

– *O quê?* – repetiu ele com um meio sorriso.

Red era 13 anos mais velho, porém Jody se achava mais amadurecida. Ela se levantou de seus novos lençóis brancos e desceu da velha cama de nogueira com seus travesseiros, cobertores e colchão de molas. Quando seus pés tocaram as tábuas enceradas do piso, ela correu até a janela, muito mais alta do que seu 1,60 m, para ver o que estava acontecendo. Funcionários da prefeitura? Era improvável, já que aquela rua estava esquecida havia tempo pela administração municipal.

Jody olhou para fora e entrou em pânico.

– Meu Deus, Red! Levante-se e vá se vestir! Você tem de ir embora agora!

Do segundo andar onde estava, viu a imagem assustadora de seus três tios estacionando suas picapes na frente da casa de seus pais. Jody ainda se referia àquele lugar como a casa dos pais, apesar de Hugh-Jay e Laurie Jo Linder estarem ausentes durante a maior parte de sua vida. Aquela ainda era a casa deles para a filha única do casal, sobrevivente de uma noite violenta 23 anos antes, e para toda a população do condado de Henderson, que levava o nome do bisavô materno de seu pai.

– O que é essa coisa terrível que estou vendo? – sussurrou ela diante da janela alta, repetindo o verso de Shakespeare. Seu mestrado em literatura inglesa havia sido uma grande conquista, mas ela logo teve dúvidas quanto à sua utilidade.

– Quem é? Seu outro namorado?

O tom de Red era de brincadeira, mas com uma ponta de insegurança.

– Não tenho outro namorado. Não tenho *nenhum* namorado.

A rispidez de sua fala deu àquelas palavras uma conotação maldosa e ela imediatamente se arrependeu.

– O que eu sou então? – perguntou Red baixinho.

O adjetivo *conveniente* veio à mente de Jody, mas ela preferiu ficar quieta. Além de conveniente, ele era o único homem disponível em um raio de quilômetros que não fosse novo ou velho demais. Ou um parente. Olhou novamente para a figura esbelta do amante esparramada sobre os lençóis. Os dedos de Jody sabiam que aquele corpo comprido era marcado por cicatrizes, hematomas e pequenas feridas recentes.

Red não era o mais cuidadoso dos vaqueiros. Ele costumava ser atirado ao chão, sacudido e pisoteado com mais frequência do que os peões de rodeios, algo de que ele nem participava mais. Ele agora não passava de um ajudante de fazenda. Às vezes Jody pensava que talvez fosse por isso que gostasse dele, por Red ser um vaqueiro sem maiores pretensões. Também era verdade que os corpos de outros homens – dos contadores ou advogados (ainda que ela nunca tivesse tido um caso com um deles) – eram sem graça quando comparados ao interessante relevo de um vaqueiro.

– Então? – ele a desafiou.

Jody lançou um olhar de raiva para Red: a pergunta a irritara e ela não conseguia pensar em nenhuma resposta verdadeira que não fosse magoá-lo. Virou as costas e fixou a atenção na imagem inquietante do outro lado da janela, escondendo seu corpo atrás das novas cortinas brancas. A brisa quente soprava

perigosamente à sua volta, ameaçando expor sua nudez a qualquer um de seus tios que por acaso olhasse para cima.

Jody mordeu o lábio superior.

Red tinha chupado uma bala de menta depois do almoço no Café Rose. Jody ainda sentia o gosto dela, além do molho de pimenta e do sabor picante da boca do vaqueiro. Sentia também o toque áspero na sua pele, uma sensação tão vívida que podia jurar que as mãos calejadas dele ainda estavam sobre ela. E aquela era a última coisa que gostaria de sentir ao ver seus tios chegando.

Experiência também foi a última coisa que a escola local procurou em seu currículo ao contratá-la como nova professora de inglês. Ela ficara exultante ao conseguir o emprego, mas logo conteve a euforia. Afinal, qual era a garantia de se manter empregada em um momento econômico tão incerto? E se ela não fosse uma boa professora, se as crianças a odiassem e se os pais se opusessem à leitura de *O apanhador no campo de centeio*?

As portas de três picapes foram fechadas – *bum, bum, bum* – com o baque característico de veículos bem construídos. Seus tios se reuniram na calçada. *O que eles estão fazendo aqui e por que eu não sei nada a respeito?* O tio Chase deveria estar no Colorado, administrando a fazenda da família ao leste das montanhas Rochosas. O lugar de tio Bobby era em Nebraska, à frente da terceira fazenda da família, na região de Sand Hills. Por fim, ela imaginava o tio Meryl em seu escritório de advocacia em Henderson City, capital do condado, a 40 quilômetros dali.

– Ei – disse Red, com a voz de um homem que se sente ignorado.

– Shh!

De seu esconderijo privilegiado, ela observava tudo com pavor crescente. Seus tios estavam reunidos na calçada em frente à varanda, formando um trio alto e de ombros largos. Tio Chase esmagou uma guimba no chão e depois a guardou no bolso da camisa. Ele não era um homem cuidadoso, porém, como qualquer fazendeiro, tinha medo de incêndios.

Os três começaram a andar em direção à porta da casa: homens grandes com botas de vaqueiro, calças justas, camisas de algodão e seus melhores chapéus no estilo caubói, próprios para o verão. Os chapéus por si sós eram um sinal preocupante. O trio usava seus melhores chapéus em casamentos, funerais e feiras agropecuárias, preferindo bonés no dia a dia. Meryl ainda usava uma gravata e um dos terríveis paletós quadriculados que a tia Belle não conseguia fazer sumir de seu guarda-roupa. Ele combinara a peça com uma calça de poliéster marrom, fazendo com que a sobrinha, um andar acima, torcesse o nariz. Jody sabia o que o tio diria caso ela brincasse com seu modo de vestir: daquela maneira ele ta-

peava os advogados de outras cidades, que achavam, para azar deles e sorte dos seus clientes, que ele era um caipira.

As três picapes também estavam muito limpas, como se aquela fosse uma visita formal. Havia algo estranho no ar. As visitas formais dos tios eram precedidas por banho e pela escolha de roupas limpas. A avó de Jody, mãe de dois daqueles homens e quase mãe do terceiro, não deixava por menos. Um homem da família tinha que estar cheirando a sabonete para entrar na casa de alguém. O tio Bobby estava com 41 anos, o tio Chase, com 44, e o tio Meryl, que não nascera naquela família porém havia sido agregado após um casamento, tinha 46, mas nada disso importava: eles viviam segundo as leis que regiam a vida de qualquer Linder, os mandamentos estabelecidos por Hugh Senior e Annabelle Linder, os avós de Jody. Você não vai à igreja fedendo a cavalo nem entra nas salas de estar das pessoas com as botas sujas de esterco de vaca. E existia uma regra de ouro: você não pode aparecer na casa de alguém sem ligar antes, mesmo que esse alguém seja sua sobrinha.

Eles não telefonaram antes, portanto Jody não sabia que receberia visitas. E assustaram-na de verdade ao tocarem a campainha. Depois daquela aparição inesperada, ela ouviu a porta se abrir e a voz rouca de barítono de tio Chase:

– Josephus?

Aquele era o apelido usado pelos três tios. Seu nome era Laurie Jo, como o de sua mãe. Ela protegeu os seios nus com as duas mãos: será que havia acontecido alguma coisa na fazenda? Algum problema com seu avô ou com sua avó? Jody não saberia o que fazer sem os dois. Eles eram o alicerce de sua vida desde a morte de seus pais.

– Jody? – Chase chamou mais alto. – Minha querida, você está em casa?

Ele parecia nervoso, o que não era típico de seu tio mais extrovertido. Jody rapidamente pensou nas mulheres, ex-mulheres, filhos e enteados dos tios, que eram seus primos ou meios primos. Acidentes aconteciam em uma fazenda. Havia muitas maneiras de se machucar, de acabar em hospitais e funerárias, de destruir corações e famílias. Ela não conseguia pensar em nenhuma pequena fatalidade que fizesse com que os tios a visitassem daquela maneira. Devia ser algo sério, que não pudesse ser dito ao telefone e, pior ainda, que os fizesse decidir que a notícia deveria ser dada pelos três juntos.

– Meu Deus! – murmurou ela quase em uma prece enquanto corria e apanhava as roupas para cobrir o corpo.

Jody estava espantada, embora não sentisse a menor surpresa, pois acreditava que os acontecimentos ruins se sucedem aos bons assim como a vida é seguida pela morte. O segredo, ela concluía quando mais jovem, era tentar antecipá-los

para amenizar o golpe. O problema era que essa abordagem nunca funcionava: Jody sempre era surpreendida. Por mais à frente que tentasse enxergar, as más notícias nunca deixavam de machucá-la. Com um sobressalto, ela percebeu que não havia respondido, então gritou:

– Estou em casa, tio Chase! Estou aqui em cima e já vou descer!

– Quer que a gente suba? – berrou ele de volta.

– Não! – respondeu ela ainda mais alto.

Pelo amor de Deus, não!

Na cama, Red havia se sentado ao primeiro som daquela voz, que pertencia a um dos integrantes da família de seus patrões. Ouviu a assustadora proposta do tio de Jody sobre subir as escadas e estava tentando se levantar da cama para se vestir depressa e em silêncio.

– Desça pela escada dos fundos! – sussurrou Jody a ele, que não escutou.

– Que diabos Chase está fazendo aqui?

Ela olhou para o rosto do vaqueiro, bronzeado até a marca do chapéu e enrugado de preocupação, e se deu conta de que teria de fazer algo a respeito de Red Bosch. Da primeira vez que foram para a cama, ela achou que eles fossem apenas um casal sedento de sexo em um condado em que parceiros amorosos eram tão raros quanto ursos polares. Sem falar no fato de ele não ser casado e ela ter alguns critérios de qualidade. Mas, ultimamente, Red apresentava um comportamento possessivo como o de um namorado, algo que a preocupava.

– Sei lá! E Bobby e Meryl também estão aí! Vá embora agora!

Red se atrapalhou ao pegar sua calça jeans e a deixou cair no chão. A enorme fivela de metal do cinto bateu com força no piso de madeira. Os dois se entreolharam assustados e continuaram a se vestir às pressas.

– Eles vão me amarrar no celeiro se me pegarem aqui! – sussurrou Red.

– Isso é pouco! Eles vão pendurá-lo no teto!

Ele deu um sorriso amarelo. Punições físicas não o preocupavam: ele não ia levar uma surra dos três homens por dormir com a sobrinha deles. O risco era ser despedido em um momento em que várias fazendas estavam fechando.

Jody vestiu rapidamente a calça jeans, o sutiã, a camiseta e calçou as meias com as botas de vaqueiro, enquanto Red colocava todas as roupas dele, pegava os sapatos e descia a escada que ia dar na cozinha e na porta dos fundos. Ela esperava que ele tivesse tido o bom senso de estacionar sua picape em algum lugar discreto. Passou uma escova nos cabelos, conseguindo arrumar alguns cachos que os dedos compridos de Red haviam despenteado.

Mesmo diante de uma emergência, Jody não conseguia se apresentar na frente dos tios desarrumada, sobretudo à tarde, quando todos os Linder que se pre-

zassem, bem como seus empregados, deveriam estar trabalhando. Poucas coisas passavam despercebidas pelos tios, mas não um touro que ousasse pular a cerca atrás de uma vaca nem uma sobrinha que tentasse esconder seus casos amorosos. Além disso, sua avó acabaria sabendo de tudo, inclusive das roupas da neta, caso os tios achassem que havia algo de estranho nela.

– Já vou! – berrou ela.

Ela finalmente desceu rapidamente a escada, apoiando-se no corrimão, pulando os degraus na barulhenta corrida até o primeiro andar.

– O que está acontecendo? – perguntou sem fôlego.

Os três chapéus estavam pendurados em ganchos na parede. Eram idênticos a não ser pelo detalhe das fitas: o de Meryl tinha uma fita prata, o de Chase era marcado por uma fita de couro preto trançado e o de Bobby não tinha fita alguma.

Ali estavam eles, as bênçãos e as desgraças de sua vida. Chase, que a cada ano ficava mais bonito, como se seu comportamento comedido de alguma forma alargasse seus ombros, dissolvesse as rugas de seu belo rosto e iluminasse o azul de seus olhos. Bobby, musculoso e sério, com um rosto largo tão monótono quanto as planícies que o cercavam. Meryl, com seus olhos bondosos e espertos e uma barriga que era o resultado do frango frito de tia Belle e de sua vida de advogado atrás de uma mesa. Dois deles eram os irmãos mais novos de seu falecido pai, ao passo que Meryl havia sido como um irmão para ele.

Os olhos de tio Meryl a assustaram, pois estavam úmidos. Meryl Tapper fora o melhor amigo do pai de Jody muito antes de se casar com tia Belle. Sua numerosa família não dava valor à ambição e ao estudo, então ele acabou se aproximando dos Linder, que prezavam esses valores e gostavam dele.

Os olhos de tio Chase se escondiam atrás de óculos de sol, o que Jody achou estranho, pois o vestíbulo estava mal iluminado. Com aqueles óculos da moda, a camisa branca com o monograma bordado, as calças sob medida, a fivela do cinto gravada e as botas pretas, Chase parecia um vaqueiro de cinema, mas ele era um vaqueiro de verdade, e muito bom por sinal. Jody sempre ouviu que, quando jovem, ele conquistava as pessoas com seu jeito brincalhão, mas, após a morte do irmão, sua alegria morreu também. Ela o considerava um homem disciplinador, obstinado, sarcástico e mandão.

Bobby, com o aspecto robusto do vaqueiro que ele fora um dia e a prudência do soldado que também havia sido quando jovem, estava diante da porta de tela. Ela não conseguia ver seu rosto, mas podia enxergar a manga esquerda da camisa pendendo no vazio e o punho preso ao cinto. Ele havia perdido o braço no Iraque durante a primeira Guerra do Golfo, uma batalha de que ele não imaginava participar quando se alistou no Exército logo após o assassi-

nato do irmão. Em pé na porta de entrada, Bobby parecia esperar alguém ou observar alguma coisa.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

Jody começou a pensar se aquela frase não fora dita 23 anos antes, no dia em que seu pai fora assassinado e sua mãe desaparecera. Ao ver os olhos dos vizinhos cheios de lágrimas, será que seus parentes não fizeram aquela mesma pergunta, com o coração aos pulos e a voz tremida? *O que aconteceu? Qual é o problema?* Rose era uma cidade minúscula. Segundo alguns moradores, a cidade estava morrendo e por isso uns cuidavam dos outros. Ela havia sido criada sem os pais, mas amparada por uma cidade inteira.

– A pena de Billy Crosby foi suspensa – disse Chase com seu tom brusco.

Jody balançou a cabeça sem entender nada.

– O quê?

William F. “Billy” Crosby estava preso pelo assassinato do pai dela.

– Ele vai ser solto, Jody – Meryl, o advogado, repetiu, soltando a segunda bomba em seguida. – O governador o liberou hoje de manhã. – Então veio o golpe final. – Ele chega a Rose esta tarde.

Algo na sua reação àquela notícia fez com que Chase estendesse a mão para segurar seu braço.

– Suspensa?

Jody repetiu a palavra como se não compreendesse seu verdadeiro significado. Billy Crosby tinha ficado preso 23 anos. Segundo disseram e prometeram a Jody, ele não seria libertado tão cedo. Os tios esperaram que ela absorvesse a informação. Jody franziu a testa, ainda sem entender.

– Vocês estão me dizendo que eles o deixaram sair da prisão?

Meryl assentiu.

– Sim. É isso mesmo que estamos dizendo.

Ofegante, ela olhou para cada um deles.

– Ele está *solto*? Está voltando para *cá*, para *Rose*?

Ainda à porta, Bobby virou o rosto para a sobrinha, viu seus olhos incrédulos e balançou a cabeça. Então falou com sua voz profunda, que às vezes era confundida com raiva.

– Isso não significa que ele vá ficar na cidade – sentenciou enquanto seus lábios se curvavam para baixo. – Vou matá-lo primeiro.

– Eu arrumo a arma para você – disse Jody, tentando demonstrar coragem.

– Não! – exclamou em seguida, levando as mãos à boca e começando a chorar. – Como isso pôde acontecer? *Como vocês deixaram que isso acontecesse?* – gritou ela com os olhos tomados de tristeza, medo e raiva.

2 de setembro de 1986

ALGUMAS PESSOAS DIZIAM QUE o assassinato do pai de Jody ocorreu por causa de um incidente desagradável que evoluiu até tomar proporções inimagináveis. Comentavam que ninguém poderia prever o que iria acontecer. Mas outras afirmavam que o problema foi se agravando ao longo do tempo, que o avô de Jody deveria ter sido mais esperto e que, na realidade, ele estava atrás de confusão. Segundo elas, tudo foi resultado da tentativa de mudar pessoas que não queriam mudar. Também diziam que Hugh Linder Senior tinha uma personalidade ímpar: um homem inteligente, honesto e durão, mas um tanto seguro de si quando um pouco de humildade talvez pudesse ter mudado o trágico curso dos acontecimentos.

A despeito de qual teoria fosse verdadeira – um simples acesso de fúria ou um ressentimento de longa data –, todos concordavam que o ato final foi desencadeado no dia fatídico em que o fazendeiro passou pelo curral e flagrou Billy Crosby descontando sua raiva em uma vaca. Era o início da tarde de uma terça-feira. Os funcionários da fazenda High Rock estavam separando os novilhos de suas mães e aplicando injeções para evitar que eles ficassem doentes durante o estressante processo de separação. As vacas, novamente prenhes, estavam sendo vacinadas contra uma doença chamada manqueira.

A vaca em questão era um animal velho e saudável, acostumado com a rotina dos funcionários, portanto era de imaginar que teria melhor comportamento. Durante anos fora uma reprodutora confiável e boa mãe, mas talvez aquela cabeça enorme e pesada estivesse um pouco senil, algo comum a humanos e a vacas. Naquele dia, ela não queria andar, virava na direção errada, impedindo o avanço do rebanho rumo ao curral. Ela mugia alto por causa de seu filhote, girando os olhos violentamente, espumando pela boca. A temperatura daquela tarde de setembro cozinhava homens e animais como se eles estivessem dentro de uma fornalha. As duas espécies estavam agitadas e com raiva uma da outra. O cheiro de gado e de esterco fresco empestava o ar. O barulho dos cascos na terra, o choro dos novilhos procurando suas mães e os gritos dos homens produziam um rugido comparável ao de um trovão num dia claro.

– Vamos, sua *desgraçada*!

Hugh Senior viu seu funcionário atingir várias vezes a lateral da vaca com um agulhão elétrico. Billy era uma das “crias” do fazendeiro, um dos rapazes da região que ele empregava por achar que não havia nada como trabalho com

animais e máquinas para colocar nos trilhos um trem que parece prestes a decarrilar. Mas Billy não era um jovem fácil.

O motivo talvez fosse o alcoolismo do pai e da mãe, e não de apenas um deles, como era comum com outros garotos que tomavam jeito após serem acolhidos por Hugh e Annabelle Linder. Ou talvez porque Billy não fosse o “touro” mais inteligente do rebanho ou porque seu temperamento fosse bastante instável. Independentemente do motivo, na opinião dos moradores da cidade o regime de trabalho duro de Hugh Linder não estava surtindo efeito.

A habilitação de Billy fora suspensa novamente depois de sua segunda condenação por dirigir embriagado. Sua esposa havia aparecido com um hematoma no rosto na semana anterior. O filho de sete anos do casal era muito calado e apresentava um comportamento não condizente com sua idade. Além disso, Billy Crosby continuava a beber e a agir de maneira agressiva, perseguindo as mulheres e falando palavrões onde não devia. As pessoas comentavam que os Linder deveriam ter desistido do rapaz como qualquer um teria feito.

Hugh Senior viu que o velho animal não ia obedecer a Billy. A vaca tinha empacado, mas o funcionário continuava a feri-la com o agulhão. O fazendeiro percebeu que o rapaz estava irritado e descontava sua raiva no animal. Hugh gritou, mas o barulho do rebanho era alto. Correu até Billy, porém não conseguiu evitar que o vaqueiro subisse na cerca do curral e desse um chute na cabeça da vaca. O salto de sua bota acertou o olho esquerdo do animal. Por maior que fosse a vaca, o golpe a desequilibrou. A cabeça pendeu para o lado, os joelhos cederam e ela caiu sobre outro animal. Em poucos segundos se levantou, sacudindo a cabeça e mugindo alto. As vacas à sua volta ficaram agitadas, debatendo-se contra a cerca do curral.

Billy encolheu a perna para chutá-la novamente. Antes que pudesse desferir o golpe, Hugh Senior puxou-o pela camisa e o derrubou no chão.

– Vá se acalmar, Billy! – disse Hugh Senior, apontando para a sede da fazenda.

O tom de voz do homem era alto e sério.

– Por que o senhor fez isso, Sr. Linder?

O empregado levou a mão ao ombro e recuou enquanto se levantava. O rapaz de 24 anos e o homem de 54 se encararam por alguns segundos, fazendo com que várias testemunhas daquela cena pensassem na imagem de um touro jovem desafiando um animal mais velho no pasto. Ninguém conseguia ouvir o que eles diziam em função do barulho dos animais, mas a linguagem corporal não deixava dúvidas. Embora Billy tivesse 1,85m de altura, seu patrão era 10 centímetros mais alto, além de ser mais forte. O fazendeiro tinha o cabelo claro e os olhos azuis dos antepassados alemães. As feições do funcionário eram morenas e angulosas como as do pai, cuja beleza tinha se afogado em cerveja e uísque.

– Eu não fiz nada! – protestou o rapaz.
– Você estava maltratando meus animais, Billy. – A voz do fazendeiro era de nítida reprovação.
– Aquela maldita vaca vai morrer mesmo!
– Mas isso não significa que você possa torturá-la.
– Não é justo! – resmungou o funcionário. – Já vi outros homens fazerem a mesma coisa.
– Se eu os vir, vou fazer a mesma coisa. De qualquer maneira, acho melhor você ir para casa.

As palavras de Hugh Senior poderiam dar a ideia de uma sugestão, mas o tom foi de ordem.

– Como vou para casa se não tenho carro?

Billy mais uma vez mostrava que não sabia o momento de ficar calado. O fazendeiro perdeu a pouca paciência que ainda tinha:

– Saia já deste curral, Billy. Agora! Vá beber uma água. Aproveite e esfrie a cabeça. Espere no celeiro até Hugh-Jay aparecer e pegue uma carona com ele. E não incomode a Sra. Linder.

– Eu preciso mesmo beber alguma coisa – reclamou Billy.

– Essa é a última coisa de que você precisa – rebateu o fazendeiro, sabendo que ele se referia a bebida alcoólica.

Limpando a terra do rosto, o vaqueiro saiu mancando, sendo observado pelo fazendeiro e pelos outros homens que cuidavam dos animais naquele dia. Todos os filhos de Hugh estavam lá – Hugh-Jay, Chase e Bobby –, além de vizinhos e do veterinário. Billy olhou para alguns deles, mas só Chase abriu a boca:

– Já vai tarde.

Isso foi tudo o que aconteceu, conforme os presentes testemunhariam mais tarde. Não foi nada e ao mesmo tempo foi o bastante.

Duas horas depois, Hugh-Jay Linder levou Billy Crosby de volta a Rose, onde os dois moravam com suas mulheres e os filhos. No último minuto, Chase subiu no banco traseiro da picape prateada. Cinco quilômetros de estrada asfaltada separavam a fazenda dos limites da cidade. Os pastos da High Rock se espalhavam pelos dois lados da pista ao longo dos três primeiros quilômetros, seguidos por um cemitério de um lado e uma fazenda de bisões à direita, antes que casas começassem a aparecer nos arredores de Rose.

– Que diabos está irritando seu pai? – perguntou Billy aos dois irmãos.

Eram quatro e meia da tarde e fazia calor, embora a previsão para o dia seguinte fosse de chuva. A cabine da picape estava tão quente que Hugh-Jay dirigia com

as luvas de trabalho para não queimar as mãos. O ar-condicionado não refrescaria o carro até eles chegarem à cidade, então o motorista deixou as janelas abaixadas enquanto o aparelho amenizava a atmosfera escaldante. Pôs a ventilação no máximo, o que obrigava os três homens a levantar a voz devido ao barulho do ar-condicionado, ao ruído dos pneus e ao vento quente que entrava pelas janelas. O rosto e as roupas deles estavam imundos por causa do trabalho. As botas e as calças fediam a esterco, um cheiro que eles mal sentiam por trabalhar a vida inteira com aquilo.

– Você – brincou Chase do banco de trás. – Você está irritando meu pai.

Os três estudaram juntos nas escolas do condado. Billy havia abandonado os estudos após repetir pela terceira vez o primeiro ano do ensino médio na mesma época em que Belle Linder se formava, Chase estava no segundo ano, Bobby se encontrava no sexto ano do ensino fundamental e Hugh-Jay frequentava a Universidade Estadual do Kansas.

Com o olhar fixo na estrada à sua frente, Hugh-Jay disse em tom sério:

– Acho que você sabe, Billy.

Billy era teimoso.

– Eu não sei de nada!

Enfiou a mão embaixo do banco e uma lata de cerveja apareceu como em um passe de mágica.

– De onde saiu isso? – perguntou Hugh-Jay olhando para ele.

– Tem outra? – emendou Chase interessado.

Billy deu um sorrisinho sarcástico.

– Eu a trouxe comigo.

Hugh-Jay o levava de carona até a fazenda.

Billy abriu a lata e o cheiro da bebida se espalhou pela cabine.

– Como você consegue beber isso quente? – perguntou Hugh-Jay.

Billy tomou um gole, limpou a boca com a manga suja da camisa e encolheu os ombros.

– Cerveja é cerveja, não é, Chase?

No banco de trás, Chase preferiu ficar quieto.

– Meu pai disse que você maltratou um animal – continuou Hugh-Jay, recusando-se a mudar de assunto. – Você sabe o que ele acha disso.

– Pelo amor de Deus, Jay. Era uma vaca. Uma maldita vaca! Ela estava atravancando o curral. Nenhum animal conseguia passar, então alguém precisava fazer alguma coisa. Eu só dei umas cutucadas e um chute. Você nunca chutou uma vaca? – perguntou, virando-se para trás. – Nunca, Chase?

– Não como você – respondeu Chase, apoiando a cabeça no banco e olhando para o teto.

– Eu não a machuquei. Além do mais, era apenas uma *vaca*!

– E não sua esposa, você quer dizer – rebateu Chase, arrastando as palavras e ainda olhando para cima.

O silêncio tomou conta do veículo, mas logo foi interrompido pelo grito de Billy:

– O quê? – Ele se virou para encarar Chase. – O que você disse?

Pelo retrovisor, Hugh-Jay olhou para o irmão mais novo, que continuava encarando o teto do veículo.

– Soube que o xerife foi algumas vezes à sua casa porque as pessoas acham que você anda batendo na sua mulher. Você também usa o agulhão com a Val, Billy?

– Vá se ferrar, Chase Linder! Vocês são incríveis! Eu nunca machuquei a Val! Hugh-Jay não disse nada, mas suas mãos apertaram o volante com força.

– Nunca – murmurou Billy antes de tomar outro gole da cerveja quente. Os três homens percorreram um longo trecho da estrada em silêncio.

– Talvez você queira pedir desculpas ao meu pai – falou Hugh-Jay finalmente.

– Por quê? Eu já disse que não fiz nada! – exclamou Billy, lançando um olhar incrédulo para Jay. – Seu pai não vai me despedir por causa *disso*.

– Eu não teria tanta certeza. Esse tipo de coisa é importante para ele.

– Vaca de merda!

– Você sabe que ele não gosta desse vocabulário.

Billy engoliu o palavrão. Os três continuaram em silêncio até que Billy jogou a lata de cerveja pela janela, mirando um bisão próximo à estrada. A lata voou por dois metros e caiu em uma vala. Hugh-Jay freou e Billy foi arremessado para a frente, quase batendo com o rosto no painel. Chase se segurou para não cair do banco.

– Que diabos foi isso? – gritou Billy.

Ele e Chase foram lançados contra o encosto de seus assentos quando Hugh-Jay engatou a ré e arrancou. Percorreu poucos metros e pisou no freio, virando-se para os passageiros.

– Saia e vá pegá-la, Billy.

– *O quê?*

– A lata de cerveja, Billy. Qual é seu problema?

– Sou eu quem pergunto. Afinal, desde quando vocês se importam com esse tipo de bobagem?

– Pegue a lata ou eu o deixo no meio da estrada.

O vaqueiro desceu do carro, pegou a lata e a jogou com tanta força na camba da picape que o barulho foi semelhante ao de um tiro de fuzil. Quando entrou novamente no carro batendo a porta, Hugh-Jay perguntou:

- Aquela lata estava vazia?
- Você acha que eu ia jogar cerveja fora?

Billy passou o restante da viagem emburrado.

Do banco traseiro, Chase ficou olhando a nuca dos dois homens e depois fechou os olhos.

À medida que o limite de velocidade diminuía ao se aproximarem da cidade, Hugh-Jay foi reduzindo a marcha para 30 quilômetros por hora. Passaram por silos de grãos, uma loja de conveniência, uma pizzaria, um restaurante chinês, uma estação de trem abandonada e uma oficina que tinha uma padaria anexa, a única de Rose. Hugh-Jay virou à direita na rua principal, um corredor com quatro faixas ladeadas por casas modestas de madeira e alvenaria, e cruzou o centro com seus três quarteirões cheios de pequenas lojas.

Passaram diante da biblioteca pública com suas três salas, da prefeitura com suas duas salas, do centro cultural da terceira idade, de uma galeria de arte que só abria mediante agendamento, do antigo banco onde Belle, a irmã de Hugh-Jay e Chase, iria inaugurar um museu histórico e do Restaurante Bailey, que era na verdade um bar e o único lugar de Rose onde uma pessoa podia comer um filé decente enquanto tomava uma cerveja. Quando cruzavam com outros carros, Hugh-Jay levantava a mão para cumprimentar os motoristas, que retribuíam o gesto. Sua casa ficava ao norte, em uma região de mansões, mas ele virou para o sul a fim de chegar ao bairro mais pobre no qual Billy morava e onde parecia haver mais carros velhos do que grama nas calçadas.

Quando estacionou em frente à pequena casa branca na qual Billy morava com Valentine e o filho, Hugh-Jay disse:

- Quer o dinheiro do serviço de hoje?
- Quero – respondeu Billy emburrado.

Hugh-Jay pegou a carteira e contou as notas daquela jornada de trabalho. Normalmente, sem que ninguém da família soubesse, ele daria 10 dólares de gorjeta, mas não seria o caso naquele dia. Entregou o dinheiro a Billy, que o pegou com um gesto de raiva e decepção e perguntou:

- Você acha que seu pai vai me dar outra chance, Hugh-Jay?
- Não sei. Mas acho bom você não repetir o que fez hoje.

Billy saltou da picape, bateu a porta e gritou pela janela aberta:

- Eu não fiz nada de errado!

Em seguida apoiou os dois braços no teto do carro e, olhando para o banco traseiro, falou:

- Não pense que vou esquecer o que você disse, Chase.
- Não é para esquecer mesmo – respondeu Chase, apertando os olhos.

Assim que o carro deu a partida, Hugh-Jay perguntou:

- Por que você disse aquilo para ele?
- Sobre o fato de ele bater na Val? Ué, porque é verdade!
- Tem certeza?
- Quase certeza.
- Quase não é suficiente para fazer uma acusação dessas.
- Bem, isso é você quem está dizendo.

Hugh-Jay olhou para trás, surpreso com o tom sarcástico de Chase. Em vez de continuar o assunto, perguntou:

- Você acha que a reação de papai foi exagerada?
- Não. Acho que ele deveria ter dispensado o Billy há muito tempo.

Hugh-Jay assentiu.

- Quer passar para a frente?
- Não, estou bem aqui. Não vamos longe, vamos?

Hugh-Jay suspirou.

- Você está achando que vai jantar comigo e com Laurie?

Chase, que tinha o dom de retomar rapidamente seu bom humor natural, sorriu para o retrovisor.

- Eu soube que Laurie Jo sempre coloca um prato a mais na mesa para o caso de eu aparecer.

Chase e Bobby Linder comiam com tanta frequência na casa do irmão e da cunhada que já deixavam uma muda de roupa limpa no quarto de hóspedes para trocar para quando chegassem sujos da fazenda. De repente, Chase voltou a ficar sério.

- Você acha que Billy vai descontar na Val ou no filho?

Hugh-Jay ficou pensando no assunto por meio quarteirão e resolveu dar meia-volta.

- Vamos tirar a dúvida - disse.

3

QUANDO ESTACIONARAM NOVAMENTE DIANTE da pequena casa branca, a mulher e o filho de Billy estavam no quintal. Na pouca grama que havia sob os pés da mãe, Collin brincava com uma arma de plástico, girando-a com o indicador esquerdo, fazendo mira e voltando a girá-la. Valentine não passava de uma ga-

rota pálida, magra e com cabelos tão louros que pareciam brancos sob o sol. O menino puxara ao pai: moreno, bonito e com traços angulosos.

Collin percebeu a chegada do carro antes da mãe e levantou os olhos. Como se houvessem combinado, os dois irmãos desceram da picape ao mesmo tempo, batendo as portas atrás de si. Apenas quando estava próximo de Valentine e do menino, Hugh-Jay percebeu que Chase ficara para trás, encostado no carro, ainda que a lataria estivesse fervendo.

– Oi, Valentine – disse ele educadamente, piscando ao mesmo tempo para o garoto.

O menino de sete anos inclinou a cabeça como se avaliasse o gesto e em seguida baixou os olhos até a arma de plástico, interrompendo a brincadeira com a postura séria que costumava preocupar as pessoas.

– Nunca os vi aqui fora – comentou Hugh-Jay.

– Achei que vocês fossem entrar – retrucou a mulher com um ar de expectativa.

Hugh-Jay não sabia o motivo de ela ter pensado naquela possibilidade, uma vez que ele nunca entrava na casa de Billy. Ele deu uma olhada nas próprias roupas.

– Estou muito sujo.

– Billy quis que nós viéssemos aqui para fora.

Valentine não parecia ressentida. Sua voz tinha um tom de resignação como se ela estivesse acostumada àquele pedido. Mãe e filho cheiravam a sabonete, como se Valentine houvesse tido o trabalho de arrumar a si própria e ao filho antes que Billy chegasse em casa. *Se é que isso serve de alguma coisa para eles*, Hugh-Jay pensou. Sua mulher, Laurie, não fazia nada daquilo por ele. Mas, por outro lado, ela não tinha de se arrumar para ser desejada pelo marido.

– Ele foi para o quarto tirar um cochilo – comentou Val. – Billy quer um pouco de paz.

Hugh-Jay franziu a testa, mas preferiu ficar calado com medo de constrangê-la.

Ele não achava Valentine Crosby atraente, embora vários homens pensassem o contrário. Certa vez, Hugh-Jay ouvira Laurie comentar com Belle que Val ficaria mais bonita se usasse maquiagem e “desse um jeito naqueles cabelos sem vida”. Em sua opinião, nada daquilo adiantaria. Apesar dos seios fartos, aquela mulher era muito magra. As olheiras tampouco valorizavam seu rosto, ao contrário de Laurie, que contornava o problema utilizando maquiagem. Procurou o suposto hematoma no maxilar de Valentine, mas não viu nenhum sinal de violência. De repente sentiu-se culpado e orgulhoso porque sua mulher nunca iria se parecer com aquela garota e porque sua filha jamais teria o olhar cansado daquele menino.

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br